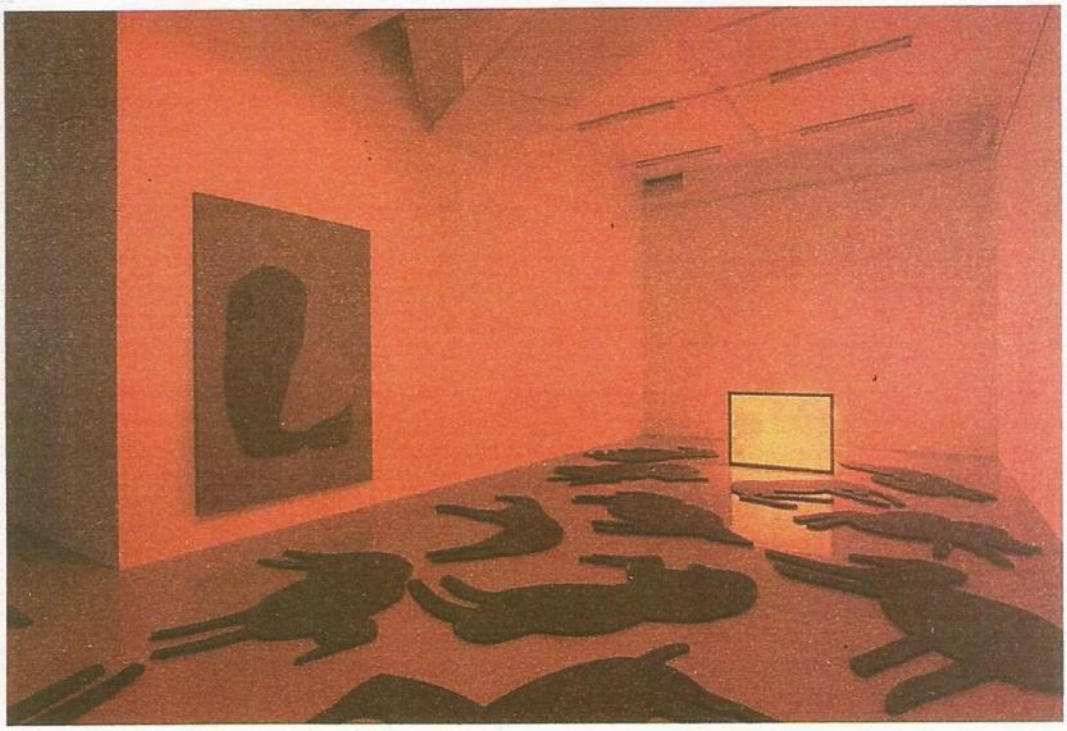
Exposições



Aspeto da instalação "Habitantes de Habitantes", na Kunsthalle Lissabon, em Lisboa

BRUNO LOPES

Um abrigo armadilhado

O elogio da experiência sensorial numa instalação com forte perfil cenográfico

TEXTO **CELSO MARTINS**

Os artistas Mariana Caló (1984) e Francisco Queimadela (1985) começaram a trabalhar como dupla artística em 2010. Na origem da associação estava um projeto faseado intitulado "Gradações de Tempo sobre um Plano", que ainda os ocupa. Depois de apresentações recentes no Carpe Diem (2014) e em Serralves (2016), mostram agora "Habitantes de Habitantes", uma instalação que, como costuma acontecer no caso deles, associa diferentes meios (pintura, vídeo, escultura).

Na Kunsthalle Lissabon, chamam-nos para um ambiente doméstico, um casulo quase meditativo mas que não vem isento de elementos potencialmente perturbadores. Feitas numa matéria sintética como a que reveste o interior dos estúdios de gravação, as criaturas cujas silhuetas se espalham pelo chão da Kunsthalle são-nos familiares mas nem por isso identificáveis. Não são vacas, nem cães, nem cavalos, ou são isso tudo em sugestão quase informe como imagem de animalidade, que é, aliás, recorrente no trabalho desta dupla (era o caso, por exemplo, de "O Livro da Sede", em Serralves).

Dois vídeos polarizam toda a exposição: num dos casos, vemos a câmara progredir sobre uma parede de terracota, sobrevoando as manchas, surpreendendo pequenos bichos e fungos, num exercício de deslocação que se transforma numa digressão sobre uma paisagem inventada. Igualmente difícil de localizar é o território onde vários gatos vagueiam no segundo vídeo. A sua indolência e errância exalam a experiência de um tempo lânguido sem direção ou orientação, e a experiência do tempo é uma das mais vívidas no conjunto da exposição. Enquanto isso, numa das paredes, uma pintura solitária parece enunciar dois corpos que se aconchegam.

Com a sua luz quente, toda a instalação é atravessada por um ambiente de domesticidade e recolhimento, que se amplifica na estrutura arquitetónica que forma uma casa dupla. Lá dentro, o visitante encontrará mais pinturas, que são também quase abstratas configurações de órgãos humanos. A casa torna-se corpo e o corpo território numa exposição em que a animalidade se sugere por todo o lado. Já não estamos no contexto do corpo sem órgãos de Deleuze e Guattari ou no corpo fragmentado e sem unidade de Lacan, mas no campo de uma humanidade desconcertada e de uma animalidade difusa que é o chão estruturante dessa humanidade. Tudo aqui possui as condições para se tornar uma suave fábula infantil, mas não poderíamos estar mais longe desse resultado, na medida que o que se impõe, ainda que sem qualquer exibicionismo visual, é a interioridade do corpo, abjeção sugerida ou imagem possível de uma interioridade mais ampla (psicológica?, emocional?). No conjunto dos seus elementos, "Habitantes de Habitantes" parece esboçar, ainda que de um modo por vezes quase abstrato, um território de subjetividade onde a sensação, a experiência, a fisicalidade, e não apenas os conceitos, contam como parte do nosso laço com o mundo. ●

★★★★

HABITANTES DE HABITANTES

Mariana Caló e Francisco Queimadela

Kunsthalle Lissabon, Lisboa, até 17 de dezembro